

*Este artigo é fruto de diálogo com Enilda de Paula Pedro, Luís Dietrich, Maristela Tezza e Paulo Parise.

RECEBEI O ESPÍRITO SANTO...*

Uma leitura do Evangelho de João 20,19-23

**Professor de Sagrada Escritura no Itesp.

***Assessora do Centro Bíblico Verbo e Mestranda em Sagrada Escritura.

*Shigeyuki Nakanose***
*Maria Antônia Marques****

Resumo:

Os *aa.* tomando como referência algumas experiências das comunidades joaninas relatadas, especialmente em Jo 20, buscam compreender o significado do Espírito Santo no cotidiano. Inicialmente, tecem uma série de considerações quando ao surgimento da comunidades dos judeus cristãos e seus conflitos, ao longo do final do primeiro século. A seguir, comentando o texto e suas subdivisões, apresentam o significado da presença de Jesus e o efeito da mesma. Lendo nas entrelinhas do texto, entretanto, e tendo em mente o *shalom* como o ideal da vida comunitária, descobre-se as características da comunidade joanina. A partir do conceito de *go'el* e da encarnação de Deus elabora-se o significado da presença trinitária de Deus da vidas dos homens e mulheres.

Chaves:

João: Espírito Santo, Comunidades Joaninas, Trindade, Paráclito.

INTRODUÇÃO

Numa celebração da comunidade Bandeirantes, um bairro localizado na região de Guaianases, periferia de São Paulo, o padre perguntou: O que significa viver a Trindade? Seguiu-se um silêncio embaraçoso, os adultos ficaram sem saber o que responder. De repente, uma criança de 9 anos quebra o gelo e com os braços abertos afirma: *É a gente viver o amor em co-*

munidade e pronto! Os braços abertos expressavam uma realidade que a palavra não conseguia exprimir. Nessa resposta simples e espontânea há uma grande verdade. De fato, viver a Trindade é abrir a nossa casa e o nosso coração para acolhermos as pessoas. É uma vivência que experimentamos nas coisas simples e pequenas do cotidiano.

Todos nós já sentimos na própria pele que a vivência de uma verdadeira relação de amor e solidariedade gera um novo sentido para a nossa vida. Proporciona-nos um novo brilho. Ajuda-nos a superar as dificuldades e os desafios cotidianos. Essa força transformadora, capaz de renovar as nossas esperanças e reavivar nossos sonhos, nós identificamos como o Espírito de Deus. Com a sua presença voltamos a acreditar na vida, ganhamos novas energias para enfrentar as adversidades e ambigüidades da condição humana.

Ao longo da história da humanidade, essa vivência vem dando novo rumo e dinamismo à vida de mulheres e homens. As comunidades, impulsionadas pela ação do espírito, criam e recriam espaços que possibilitam a vida.

Vamos estudar o texto de João 20,19-23.¹ É uma confissão de fé das comunidades joaninas, na qual temos a afirmação de que elas recebem e experimentam o Espírito de Jesus na convivência fraterna e solidária: *E Jesus soprou sobre eles e lhes disse: 'Recebei o Espírito Santo'* (20,22). O que é o Espírito Santo para as comunidades joaninas? E o que significa receber e experimentar este Espírito? Vejamos um pouco da história, os fatos e os acontecimentos que determinavam a vida dessas comunidades.

1 Toda citação bíblica que estiver sem a indicação do livro foi extraída do Evangelho de João.

O CHÃO DAS COMUNIDADES JOANINAS

As comunidades joaninas, como outras comunidades cristãs, por volta do ano 95, já se encontravam espalhadas em toda a Ásia Menor. Desde a Palestina elas vinham seguindo Jesus de Nazaré. A vida e a missão de Jesus estavam vivas no cotidiano das pessoas, descritas em vários relatos das comunidades. A maior parte do evangelho de João foi escrita nesse período. Muitas águas já tinham rolado: guerras, perseguições, fome, dispersão, exclusão... Mas os ideais da partilha e da solidariedade continuavam presentes.²

Voltemos um pouco na história. Após a destruição do Templo, ao redor do ano 70, os vários grupos de fariseus e escribas se empenharam na organização e redefinição da vida e crença do judaísmo. Este se tornou cada vez mais legalista e excludente devido à competição e o conflito com outros grupos, como por exemplo o grupo dos judeus cristãos. Iohan ben-Zakai

2 Cf. CENTRO BÍBLICO VERBO. *Da Comunidade nasce a nova vida!* Evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros. São Paulo, Paulus, 1999.

fundou uma academia em Jâmnia, que se tornou um dos grupos mais influentes do judaísmo formativo. O patriarca desse grupo era reconhecido pelo império romano como representante do povo judeu. Oficialmente eles assumiram a função teológica de ensinar, interpretar e aplicar a Lei, utilizando-a também para cobrar dos judeus o imposto religioso, fonte de sua manutenção.

A religião judaica, reorganizada pelo grupo dos judeus fariseus, era considerada como *Religião Lícita* — religião permitida pela lei do império romano. Os judeus ligados à sinagoga conquistaram o direito de se reunir, de manter uma caixa comum e de ter propriedades. Eles eram dispensados de prestar culto às divindades do império romano, tinham o direito de observar o sábadó, de praticar seu culto e a sua Lei, e participavam do exército — em batalhão só de judeus — quando necessário. Cada comunidade local tinha suas leis administrativas, estabelecia locais para estudo, culto e sepultamentos; oferecia ajuda aos indigentes e mantinha tribunais para julgar disputas entre os judeus.

Por volta do ano 85, as sinagogas já estavam espalhadas em toda a Ásia Menor. Os judeus fariseus, na tentativa de preservar a sua identidade como grupo e manter seus interesses, começaram a exigir uma observância rigorosa da Lei. No interior da sinagoga alguns grupos, entre eles os grupos dos cristãos, começaram a relativizar a importância da Lei, colocando em primeiro lugar a vida humana. Isso provocou vários conflitos. Pois as comunidades eram formadas por pessoas pobres, doentes, marginalizadas, mulheres, cobradores de impostos, enfim, grupos considerados impuros. Os judeus fariseus se sentiam afrontados pelas comunidades cristãs e passaram perseguir-las (8,48;10,39), torturando (16,2) e expulsando seus membros da sinagoga (9,34).

A expulsão dos judeus cristãos da sinagoga foi um golpe muito duro na vida dessas pessoas. Além do sofrimento causado pela separação de suas tradições, eles ficaram sem proteção, sem trabalho, sem relações sociais e comerciais, sem escola, sem os serviços e ritos religiosos, principalmente o sepultamento. E mais ainda: sujeitos à perseguição do império romano.

Esse é o chão da vida das comunidades joaninas... De um lado, estava a pressão dos judeus fariseus, que passaram a perseguir sistematicamente os grupos dissidentes. Pois esses grupos, relativizando a Lei, colocavam em risco o sistema sócio-econômico, político e ideológico dos judeus fariseus. De outro lado, estava o império romano, que impunha o culto ao imperador. Não aceitar a religião de Roma significava ir contra o imperador.

Além das pressões externas, as comunidades joaninas também enfrentaram muitos conflitos internos. Nesses grupos encontramos: galileus (1,44), discípulos de João Batista (1,40), samaritanos (4,39-42), gregos (7,35; 12,20), judeus que assumiram a proposta cristã (4,50; 7,31; 9,34; 11,45) e também a participação e a liderança de mulheres (2,1-12; 4,1-41; 11,17-27; 12,1-8; 20,11-18). Grupos diferentes, cada um com suas características, costumes e tradições religiosas. Não devia ser fácil para os judeus, ainda arraigados em suas tradições, aceitar a liderança das mulheres. O mesmo acontecia entre os samaritanos e judeus. A superação de antigas rivalidades não aconteceu de um momento para o outro, certamente foi fruto de um longo processo comunitário.

Enfrentar a perseguição, correr risco de vida e permanecer fiel ao projeto de Jesus só foi possível por que essas comunidades sentiram a presença do Espírito. Uma presença concreta ajudando as pessoas a ultrapassarem as barreiras imposta pela religião, nação, sexo, condição social. Todos e todas sentiam-se filhos e filhas de Deus (1,12), amigos e amigas de Jesus (15,14). As pessoas acreditavam que a nova comunidade era criada e enviada pelo Pai e por Jesus, sob a orientação e a proteção do Espírito Santo: *Como o Pai me enviou, também eu vos envio. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes ser-lhes-ão retidos"* (Jo 20,21b-22). Na tentativa de compreender melhor essa experiência do Espírito Santo vamos ler o capítulo 20 do evangelho João, onde nosso texto está inserido.

O ESPÍRITO DE DEUS REAVIVA A COMUNIDADE

No capítulo 20 há quatro cenas que descrevem a manifestação do ressuscitado aos seus discípulos e discípulas. O primeiro a acreditar na ressurreição é o discípulo amado (20,1-10), em seguida a discípula amada (11-18), ambos representam a comunidade. As duas cenas finais (20,19-23 e 24-29) narram a manifestação de Jesus aos discípulos reunidos.

A primeira informação que recebemos é que Maria Madalena, quando ainda estava escuro, vai ao sepulcro e vê que a pedra fora removida, corre e avisa Pedro e o discípulo amado. Eles por sua vez vão ao sepulcro e examinam o local. Apenas o discípulo amado *vê e crê*. Ele capta, por intermédio do laço de amor construído na convivência do dia-a-dia, que Jesus ressuscitou. No vazio do túmulo de Jesus ele vê a plenitude da vida (1-10). A sua situação é semelhante à da maio-

ria dos membros da comunidade que acreditam não por terem visto, mas pelo testemunho e convivência da comunidade (20,29).

A segunda cena é a experiência de Maria Madalena (11-18). Ela representa a comunidade que, apesar do sofrimento, dor e indignação, continua amando e acreditando. A mulher está do lado de fora, incapaz de reagir... Desolada, inclina-se para o sepulcro e vê dois anjos. Enquanto ela está voltada para o túmulo não consegue perceber a vida nova. É somente quando ela se volta que vê Jesus. Nesse texto, a comunidade busca o corpo morto de Jesus. Porém, acontece o inesperado: não há razão para chorar... Jesus está vivo!

O encontro de Jesus e Maria Madalena acontece por que ela permanece junto ao sepulcro. Ela, movida pelo amor, resiste e insiste. É o amor que mantém viva a esperança. Ao sentir-se amada e acolhida como discípula ela reconhece o Senhor e experimenta a ressurreição: *Diz-lhe Jesus: Maria! Voltando-se ela lhe diz em hebraico: Rabbuni!* É um momento de grande alegria e emoção. Ela abraça o senhor. No entanto, Jesus lhe diz: *Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus* (20,17). A cena desse encontro amoroso termina com a fala do narrador: *Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: "Vi o Senhor, e as coisas que ele lhe disse"* (20,18b).

Nos versículos 19-23 a comunidade dos discípulos e das discípulas faz a experiência da ressurreição. Estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, *Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: "Paz a vós!"* (20,19.21). Após a morte de Jesus, as comunidades, não obstante o medo dos dirigentes judaicos, continuavam se reunindo. As portas não estavam apenas fechadas, mas trancadas. E mesmo assim foram insuficientes para impedir a presença de Jesus no meio daqueles e daquelas que nele acreditam. *Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles* (Mt 18,20).

A comunidade vai e anuncia a Tomé, um dos Doze: *Vimos o Senhor!* (20,25). Ele não acredita, exige provas concretas (20,25b). Novamente, usando a mesma descrição da primeira aparição à comunidade (20,19-20.26), Jesus se manifesta ao grupo. Todos estão presentes. A experiência da ressurreição é vivida em comunidade. Esta cena se encerra com uma bem-aventurança: *Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!* Na comunidades havia muitas pessoas nessa mesma situação.

Os versículos 30-31 deste capítulo concluem as manifestações do ressuscitado, bem como apresenta o objetivo da redação desse evangelho: *Estes sinais foram escritos para que as*

peças acreditem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham a vida eterna em seu nome.

Para continuar fiéis ao sonho de Deus, expresso na vida e na missão de Jesus, as comunidades recebem o Espírito Santo. Ou seja, o próprio espírito da prática de Jesus, transmitido às mulheres e aos homens na convivência fraterna e solidária, como aconteceu com Maria Madalena e outras pessoas amadas. As comunidades, vivendo na perseguição, testemunhando a tortura e a morte de muitos de seus membros, foram orientadas pela força do Espírito.

Uma leitura nas entrelinhas do texto (20,19-23) nos ajudará a descobrir como as comunidades foram experimentando a presença do Espírito em suas vidas e como essa presença afastou a noite, a escuridão e o medo.

O ESPÍRITO SANTO ANIMA E IMPULSIONA AS COMUNIDADES

Esta cena começa dizendo: *Tendo já anoitecido, naquele primeiro dia da semana, estando trancadas as portas onde os discípulos se achavam, por medo dos dirigentes judeus* (19a). A comunidade está reunida numa casa. É noite. As portas estão trancadas. As portas trancadas é uma referência ao medo e à insegurança das comunidades cristãs. Além desse texto, a expressão por medo dos dirigentes judeus só é encontrada em 7,13 e 19,38. No entanto, em vários textos há alusões sobre o medo dos judeus nesse evangelho (9,22;12,42). Esta é a real situação das comunidades. O clima é de insegurança, medo e desânimo. Os judeus fariseus estavam numa acirrada perseguição contra os judeus cristãos e contra todos os grupos que ousaram propor um projeto alternativo de vida para os pobres (16,1-4; Mt 10,17).

No contexto de perseguição, destruição e morte, Cristo ressuscitado vem e permanece no meio dos seus (19b). Uma presença que sempre acompanhará e orientará a vida das comunidades (14,3.18-19;16,16). Jesus se dirige aos seus com uma saudação muito comum e usual entre os judeus: *Paz a vós* (19b). Essa saudação é repetida por três vezes (20,19.21.26). Na Bíblia, a palavra *shalom* (paz) evocava a imagem de uma casa tranqüila e feliz, próspera e plena de bem-estar para todos os seus moradores. As bênçãos para a casa eram desejos de descendência, saúde, fertilidade, colheitas abundantes, chuvas, comida, rebanho (Jó 42,11-15).

Ao proclamar a paz para a comunidade, Jesus na verdade está insistindo para que todos e todas tenham a vida e a tenham em abundância (10,10). *A presença do Reino de Deus não*

é questão de comida ou bebida; ele é justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14,17). A paz significava integridade da pessoa e condições dignas de vida. A proposta desta paz trazida por Jesus era sinal de perseguições para as comunidades. Elas estavam conscientes sobre as tribulações promovidas pelo império romano e por seus aliados judeus fariseus que tentavam impedir a paz (16,33).

Os judeus cristãos ao serem expulsos da sinagoga, começaram a se organizar nas casas. No entanto, a casa estava sendo desmantelada por dois fortes poderes. De um lado, o grupo dos judeus fariseus que perseguia, torturava e matava os seus opositores (16,2). Fora da sinagoga restava a vida na clandestinidade, às escondidas e na total insegurança. As pessoas que não comungavam com o sistema ficavam sem condições de trabalhar, de comercializar, sem direito de participar das festas e reuniões sociais, impedidas de se reunirem, de cultivar sua religião e até mesmo de chorar e enterrar os seus mortos.

De outro lado, a opressão do império romano com suas taxas, impostos, requisições de homens e de animais a serviço de Roma. A paz era uma necessidade. A insistência em acentuar a saudação *paz a vós*, ao mesmo tempo que é um desejo expressa também a necessidade real dos discípulos e discípulas de Jesus. O que todos desejavam era paz para poder reconstruir a casa, que era a unidade econômica básica e, ao mesmo tempo, o espaço vital, o centro da vida e da identidade de uma pessoa.

Após a saudação de paz, Jesus mostrou aos seus discípulos e discípulas as mãos e o lado (20,20a). Esses sinais simbolizavam o amor. Jesus amou os seus até o fim (13,1). Jesus ressuscitado é o mesmo que fora crucificado. As mãos não foram mencionadas no momento da crucifixão. Contudo, na visão das comunidades, o Pai entregou tudo nas mãos de Jesus (3,35; 13,3) e ninguém poderia arrebatá-las de suas mãos (10,28). As mãos dão segurança e coragem aos seus discípulos e discípulas. O lado é sinal do amor de Jesus, um amor incondicional.

A presença do ressuscitado dissipou o medo. O sentimento que invade o coração das pessoas é de imensa alegria (20,20). Jesus, em nome do Pai, envia os seus discípulos e discípulas em missão. Todos recebem a mesma missão de Jesus: *Como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo* (20,21). Os discípulos e as discípulas são enviados e enviadas para continuar a ação de Jesus. E para isso eles e elas contavam com a presença do Espírito Santo.

No Espírito Santo as comunidades retomam e assumem a prática de Jesus. Buscam as raízes de sua própria fé na experi-

ência de seus ancestrais. Fazem memória da presença do Espírito desde a criação (Gn1,2). Em hebraico a palavra usada para espírito é *ruah*, que significa vento, ar, brisa, tempestade, hálito, alento. A *ruah* é uma energia em movimento e ninguém tem controle sobre ela. O Espírito sempre caminhou orientando a vida e a história do povo de Deus. Pelo Espírito o povo de Israel experimenta uma vida nova: Ez 37,9.

No Novo Testamento as comunidades tentam expressar a presença do Espírito no cotidiano de suas vidas. Elas definem a presença do Espírito como vento, e sua principal característica é a liberdade. O Espírito é também sopro de vida. É a energia vital que a pessoa sente dentro de si. A presença do Espírito liberta as pessoas do medo e as envia para libertar outras pessoas do pecado. *Soprou sobre eles...* o sopro de Deus gera mulheres novas e homens novos, nascidos de Deus (3,6) para reconstruir a sociedade. A nova criação e a nova comunidade em paz, *shalom*, é a luta contra a sociedade injusta e pecaminosa, que não permite que todas as pessoas tenham acesso à vida.

A palavra em grego usada para pecado é *hamartia*. No conceito dos judeus fariseus, pecado era deixar de cumprir as normas e prescrições impostas pela Lei e a Tradição judaicas. No evangelho de João notamos que há uma ruptura com esse conceito de pecado. Nesse texto, pecado ultrapassa a compreensão moral e legalista, e assume conotação social. Pecado, no pensamento joanino, é comungar com uma sociedade injusta. Ou seja, aceitar uma sociedade humana estruturada por um dinamismo de morte e mentira, e rejeitar o projeto de Jesus (8,23-24). Os discípulos e as discípulas são enviados e enviadas para perdoar os pecados (20,23).

A palavra *perdoar* no versículo 23, em grego *afiemi*, significa deixar ir, libertar (Lc 4,18). A expressão perdoar pode ser lida no mesmo contexto de Is 61,1-2: *O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos, para proclamar um ano de graça do Senhor.* As comunidades são enviadas por Jesus e confirmadas pelo Pai para restaurar a casa, para reconstruir o novo povo de Deus, restabelecer a paz e libertar as pessoas da escravidão da Lei.

A missão é grande, porém, as comunidades contam com a presença constante do Espírito Santo, que em João é personificado como o Paráclito, aquele que assume as mesmas funções de Jesus e vive nos cristãos levando-os a ser *paráclitos* para a vida dos irmãos e das irmãs. Os discípulos e as discípulas são enviados para continuar a missão de Jesus: perdoar os

pecados... libertar as pessoas que ainda se encontram presas à ordem injusta. Trazer vida nova. A missão se concretizará com a presença e orientação do Espírito Santo, que é o espírito de Jesus.

NA CONVIVÊNCIA SOLIDÁRIA NASCE O PARÁCLITO

Para as comunidades do discípulo amado, o Espírito é personificado como o Paráclito: *rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito para que convosco permaneça para sempre. É ele o Espírito da verdade, aquele que o mundo é incapaz de acolher, porque não o vê e não o conhece. Quanto a vós, vós o conheceis, pois ele permanece junto de vós e está em vós* (14,16-17).

A palavra *paráclito*, pode ser traduzida por advogado e conselheiro. Este termo tem a sua origem na prática tribal de Israel, a figura denominada de *go'él*. No tempo tribal, o *go'él* era o defensor, aquele que restabelecia o direito prejudicado. Era o parente próximo que vingava o sangue do seu parente injustiçado (Nm 35,19); ele resgatava o prisioneiro e a terra que estavam penhorados por dívida. No exílio, o título de *go'él* ganhou um novo sentido, era atribuído ao Deus redentor, resgatador do seu povo (Is 41,14; 43,14; 44,6.24; 48,17).

O título de *go'él* é um dos títulos mais antigos para descrever a missão de Jesus. As comunidades recorrem a essa imagem para explicar a sua ação na caminhada concreta do dia a dia. A vivência do amor e a defesa da vida de uns para com os outros eram atitudes muito vivas na prática das comunidades cristãs. Elas viviam a certeza de que *o Verbo se fez carne e habitou entre nós* (1,14). Em hebraico *dabar*, o verbo, era a força e a presença do Espírito de Deus caminhando com o seu povo. O verbo se manifesta na ação de Deus como criação (Gn 1,3; Sl 33,6), profecia (Am 1,3; Jr 1,9) e sabedoria (Pr 8,22-31). As comunidades viviam a experiência de criar, profetizar, ensinar e organizar no seu cotidiano. A força do Espírito de Deus e do Verbo Encarnado, unida à convivência solidária das pessoas, criava, transmitia novas esperanças e novo alento para as comunidades resistirem às perseguições (15,5).

Em o Novo Testamento, a figura do Paráclito recebe as mesmas características do *go'él e dabar*, que na realidade são os mesmos atributos de Deus Pai e do Filho. O Paráclito é mestre — aquele que ensina (14,26; 18,20); é profeta (16,13), defensor (14,16), advogado e testemunha (15,26-27). Ele anuncia e denuncia (16,8) e é obediente ao Pai (16,13.15). O Paráclito está presente no trabalho e na vida do dia-a-dia de todos aqueles e aquelas que aderem ao projeto de Jesus.

☞ Dessa forma, as comunidades compreendem que o Espírito Santo é o espírito de Jesus, o verbo encarnado na história de mulheres e homens: *todo espírito que confessa Jesus Cristo veio na carne é de Deus* (1Jo 4,2). No contexto de perseguição e sofrimento, as pessoas experimentavam a presença do Deus da vida, Jesus Cristo e o Espírito Santo nas coisas mais simples e comuns da vida humana como por exemplo: falar, rezar, caminhar, viajar, servir, anunciar, amar, decidir, ficar alegre... A presença de Deus era visível nas comunidades. Essa mística ajudava as comunidades a resistirem e a refazer a própria vida.

☞ A certeza de ter junto de si o Paráclito aumentava a esperança e a coragem das discípulas e dos discípulos de Jesus prosseguirem na caminhada. O Espírito estava presente na convivência do dia-a-dia, na teimosia em continuar, apesar das perseguições e sofrimentos, firmes ao projeto de Jesus. Era uma das formas alternativas de nova vida. Pois o sistema oficial oprimia e subjugava as pessoas com normas e imposições. O legalismo imposto pelos judeus fariseus estava centralizado na lei do puro e do impuro. Essa lei dividia as pessoas e julgava quem estava mais próximo ou mais distante de Deus. Os portadores de doença física ou descendente de não-judeus viviam numa condição permanente de impureza. De acordo com a Lei, eram malditos por Deus, foram nascidos no pecado (9,34).

☞ Os pobres, principalmente as mulheres, não tinham condições de estar em dia com as normas impostas pela Lei e a Tradição. As pessoas impuras eram excluídas de toda participação social. Portanto, o projeto de Jesus abriu perspectivas novas para os excluídos e excluídas. O Reino de Deus é para todas as pessoas. É a experiência de Deus como *go'él*, aquele que resgata os pobres e injustiçados. Essa experiência também foi denominada como a presença do Paráclito.

☞ Assim, as comunidades joaninas foram as primeiras que sentiram a necessidade de descrever o relacionamento de Deus Pai, Filho e Espírito Santo atuando no seu meio. Elas foram buscar no Antigo Testamento outras experiências semelhantes e encontraram na figura do *go'él* um dos títulos mais antigo e bonito para descrever a presença de Deus Pai, Filho e Espírito Santo no cotidiano de suas vidas. Era uma vivência concreta, encarnada na prática do dia a dia. Da mesma forma como afirmou a menina de 9 anos: *É viver o amor em comunidade e pronto*. Uma verdadeira vida de comunidade nos leva a vivência da Trindade. Tocamos de perto o mistério de Deus fazendo história na diversidade e dinamicidade da vida humana.

Deus continua se manifestando a todo instante. A sua presença nos traz novo alento de vida. O Espírito de Deus nos ressuscita, renova as nossas esperanças. O Espírito é a grande força unificadora de toda a criação. Podemos repetir com os indígenas: *O Espírito dorme na pedra, sonha nas flores, sente nos animais e pensa no ser humano*. Essa concepção nos leva a assumir o mundo como irmão e entender que o mundo é complexo, diverso, uno, entrelaçado e interconectado. O mundo reflete a Trindade. Deus está presente em tudo o que existe. Em todas as coisas criadas há um laço que nos une.

Hoje vivemos numa sociedade marcada pelo individualismo, pela busca das satisfações e desejos pessoais. Vale a máxima do *cada um por si e Deus por todos*. Em muitas casas e famílias ronda o fantasma do desemprego e, para muitos, as perspectivas de se reintegrar no mundo do trabalho são quase inexistentes. A violência toma conta de nossas cidades. Assaltos, seqüestros são fatos corriqueiros. Conflitos com os sem-terra, ocupações, reintegrações de posse e greves por melhoria de salário fazem parte do cotidiano de muitas pessoas. Da mesma forma que no tempo das comunidades joaninas a casa estava ameaçada, hoje a nossa casa também continua desestruturada.

O número de miseráveis aumenta dia-a-dia. Nos ônibus aumenta o número de pedintes. Cada um com sua história marcada por várias desgraças. Verdade ou não, pouco importa, o fato é que temos à nossa frente um ser humano humilhado, espoliado, sem condições dignas de vida.

Nesse contexto, como atualizar o projeto das comunidades joaninas que experimentaram a força e a presença do Pai, Filho e Espírito na convivência do dia-a-dia? O projeto cristão implica partilha, solidariedade e inclusão de todos e todas. Como ajudar na construção de uma nova sociedade? Quais os passos que podemos dar em favor da construção da paz e de vida plena para todos?

Num mundo onde as pessoas encontram-se destituídas de dignidade humana, o nosso desafio é colaborar para que as pessoas recuperem a auto-estima e redescubram, nas pequenas brechas, a alegria de viver. Que juntos possamos nos libertar do medo e retomar o fôlego, levantar a cabeça e lutar por melhores condições de vida, restabelecendo a casa.